

Desafios para o desenvolvimento da vitivinicultura brasileira

O estudos que antecederam as negociações para implementação do comércio bilateral entre o Brasil e a Argentina evidenciaram a sensibilidade de alguns produtos e a necessidade de suas respectivas exclusões das negociações. No protocolo nº 22, o vinho foi considerado como produto sensível: sua importação criaria sérios problemas para a vitivinicultura nacional. Esta situação mostra que o Brasil necessita realizar ajustes a médio e longo prazos para adequar a vitivinicultura a uma nova realidade, onde as barreiras comerciais entre os países tenderão a ser cada vez menores.

Caso a importação de vinhos argentinos viesse a ser concretizada, preocuparia sobremaneira a entrada de vinhos comuns, também chamados de consumo corrente, os quais a Argentina produz com uma relação qualidade/preço que estimula o consumo. De fato, os argentinos consomem mais de 65 l de vinho per capita/ano, consumo bastante elevado quando comparado com o brasileiro da ordem de 2,5 l per capita/ano.

Se por um lado, o Brasil já produz vinhos finos de invejável qualidade, por outro, ainda tem um enorme caminho a percorrer no sentido de produzir vinhos comuns de boa qualidade a preços compatíveis. É importante pensar nisto, porque em todo os países tradicionalmente vitivinícolas onde o consumo de vinho é elevado, o que garante o alto consumo não são os vinhos finos, que são caros em todo o mundo. Os vinhos de qualidade intermediária, mesmo sem a alta qualidade dos vinhos finos, são perfeitamente bebíveis e os que possuem preço que permite e estimula o consumo, mesmo nas camadas de renda mais baixa.

Já a importância social da vitivinicultura brasileira pode ser exemplificada na realidade do viticultor da Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul. São mais de 14.000 famílias de viticultores que, com propriedades minifundiárias de área média de 17 ha, fazem da viticultura fonte quase exclusiva de receita, detendo invejável condição sócio-econômica, quando comparados com outros agricultores brasileiros que exploram minifúndios. Contudo, é possível incrementar a renda do produtor que cultiva parreiras, garantindo não só sua fixação ao

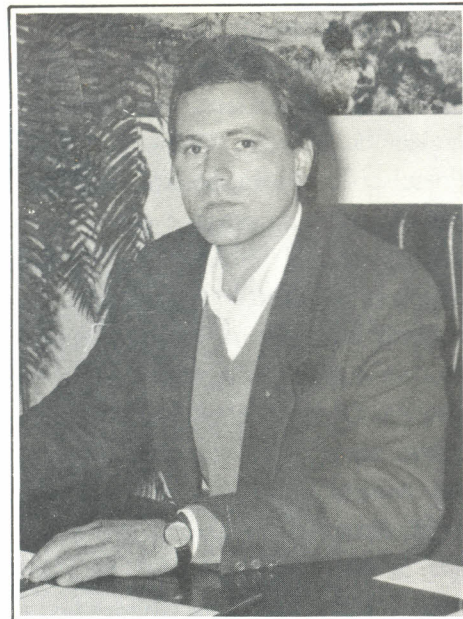
meio rural como produtor especializado que é, mas também a indispensável produção da matéria-prima do vinho — a uva. Porém, o viticultor necessitará, nos próximos anos, caminhar no sentido de aprimorar a qualidade da uva produzida, fator limitante na atualidade para que o Brasil venha a dar outro salto na qualidade dos vinhos que elabora. Além disso, será preciso adotar sistemas de produção mais competitivos, com tecnologias que reduzam os custos de produção. Para isto, haverá necessidade de profissionalizar cada vez mais o viticultor. Ainda, no campo, a adoção de modelos de produção mais ajustados às nossas condições de clima e solo deve garantir a preservação do meio ambiente e vida saudável ao produtor.

A agroindústria do vinho precisará não só continuar a evoluir na elaboração de produtos qualitativamente desejáveis, como também trabalhar com custos de produção que possibilitem a popularização do consumo. O setor agroindustrial deverá, ainda, ter retorno econômico que lhe permita crescer de acordo com as suas necessidades.

Todos os setores da atividade econômica, incluindo a atividade vitivinícola, somente poderão estar seguros quando atingirem níveis de desempenhos que garantam a competitividade não só no mercado nacional, mas também no internacional.

Obviamente que existem componentes fortes que determinarão o maior ou menor sucesso da vitivinicultura brasileira. Fatores culturais, e o próprio poder aquisitivo da população, devem ser analisados neste contexto para que seja possível minimizar influências negativas. Porém, existe um componente que será determinante para que a vitivinicultura encontre o seu melhor caminho e se desenvolva significativamente. Este componente está expresso na tecnologia que vier a ser desenvolvida e adotada no setor.

Tecnologia é algo muito especial no mundo de hoje: só tem quem compra e/ou quem desenvolve. Quem não der a ela o devido destaque não terá vida longa no mercado. No setor vitivinícola, onde existe a produção agrícola envolvida, o desenvolvimento de tecnologias tem de ser feito no local e nas condições de meio onde a exploração agrícola ocorre. Se quisermos



aumentar a qualidade dos nossos vinhos, devemos desenvolver tecnologias para tal. Se necessitamos reduzir os custos de produção, precisamos de tecnologias para chegar lá. Se é fundamental garantir a condição social e econômica do produtor, a tecnologia é que deverá dar o suporte para que isto aconteça. Se a agroindústria necessita absorver a produção agrícola e crescer, a tecnologia é que dará o suporte maior. Competência tecnológica, hoje, e cada vez mais, definirá o êxito de nossas atividades.

Quem investe em pesquisa colhe resultados e passa a se impor no mercado. Os grandes desafios do setor vitivinícola não são diferentes. Competitividade e segurança sempre mais estarão vinculadas à competência tecnológica.

Estão aí, os resultados que podemos citar na agropecuária nacional. A avaliação dos benefícios sociais e econômicos da pesquisa realizada pela EMBRAPA apresentou elevada taxa interna de retorno dos investimentos feitos em pesquisa, calculada 40,5%. Isto significa que cada cruzado investido na EMBRAPA tem trazido um retorno para a sociedade da ordem de Cz\$ 0,40 por ano. Em mais ou menos dois anos e meio este investimento está pago. A partir daí, é lucro líquido.

É preciso investir em pesquisa. Quem planta colhe.

Engº Agrº Jorge Tonietto
Chefe do Centro Nacional de Pesquisa
de Uva e Vinho da EMBRAPA,
em Bento Gonçalves